

Colóquio de Outono

Novos cosmopolitismos. Identidades híbridas

Organização de

ANA GABRIELA MACEDO
MARIA EDUARDA KEATING

UNIVERSIDADE DO MINHO
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS
BRAGA · 2006

Figurações da viagem e do viajante: do «maldito turista» ao «cosmopolita doméstico»

MÁRIO MATOS
(Universidade do Minho, DEG)

I

(...) o homem moderno (...) [está] provido de telefones, de telégrafo, de fonógrafos, de aparelhos de radiotelefonía, de cinematógrafos, de lanternas mágicas (...). (...) para um homem assim dotado, o acto de viajar [é] inútil; o nosso século XX transform[ou] a fábula de Maomé e da montanha; as montanhas, agora, converg[em] sobre o moderno Maomé. (Borges, 1998: 639)

Quem o afirma é a personagem fictícia Carlos Argentino Daneri que, na famosa narrativa de Jorge Luis Borges *O Aleph* (1949), se propõe «versificar toda a redondeza do planeta» (*idem*: 641). Olhando a grande panóplia de dispositivos mediáticos e aparelhos telemáticos a que o «homem moderno» poderia recorrer, essa tarefa megalómana parece-lhe perfeitamente realizável. Ainda que o eu-narrador se mostre bastante céptico perante o eufórico discurso do seu interlocutor sobre os maravilhosos avanços tecnológicos que alegadamente lhe permitiriam abraçar o globo inteiro a partir do seu «gabinete de estudo» – ideias e exposição «tão ineptas» e «pomposas» que o levam a relegá-las de imediato para o universo fantástico da literatura (*idem*: 639) –, o desenfreado optimismo subjacente a esse presunçoso projecto revelar-se-á de uma importância cardeal para o processo narrativo, uma vez que anuncia e introduz o objecto-ideia em torno do qual se tece todo o enredo: o «Aleph», que é, segundo a descrição de Argentino, «um dos pontos do espaço que contém todos os pontos», «o lugar onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo, vistos de todos os

ângulos» (*idem*: 644). Face à inverosimilhança dessa descrição, é natural que a figura do narrador a considere o fruto de uma visão alucinatória. Porém, esse seu juízo lógico e racional será surpreendentemente contrariado pela sua própria vivência, quando, na cave da casa de Argentino, também ao narrador se revela, numa espécie de epifania, o «brilho quase intolerável» desse «infinito Aleph», cujo minúsculo «diâmetro de dois ou três centímetros» continha todo «o espaço cósmico (...) sem diminuição de tamanho» (*idem*: 646). Não obstante o seu «desespero de escritor», que resulta da sua consciência de a linguagem intrinsecamente linear ser incapaz de «transmitir aos outros» a extraordinária experiência individual de ter podido visualizar, em simultâneo, todos os possíveis recantos do mundo, ele não resiste à tentação de ensaiar uma descrição desse «gigantesco momento» (*ibidem*):

(...) vi milhões de actos agradáveis ou atrozés; nenhum me assombrou mais que o facto de todos ocuparem o mesmo ponto, sem sobreposição e sem transparência. O que os meus olhos viram foi simultâneo; o que transcreverei será sucessivo, pois a linguagem o é.

Partimos desta metaficção de Borges sobre a (im)perceptibilidade e (ir)representabilidade da ubiquidade espacial e temporal, um fenómeno «espiritual» que hoje se parece «materializar» nos meios de comunicação telemáticos, porque nos remete para uma problemática sobre a qual aqui gostaríamos de tecer algumas breves reflexões, a saber: a complexa e inextrincável relação *mobilidade/media*. Essa inter-relação reveste-se, a nosso ver, de uma importância fulcral para uma leitura do «psicograma» da nossa difusa cultura contemporânea que se caracteriza, conforme aludido pelo tema genérico proposto para este colóquio, precisamente pela emergência de «Novos Cosmopolitismos» e «Identidades Híbridas».

A viagem, entendida quer como campo conceptual e semântico quer como prática e experiência sócio-cultural, ocupa, sob esta perspectiva, evidentemente um papel de destaque. No pluridimensional e multifacetado fenómeno da viagem condensam-se e reflectem-se – provavelmente de um modo mais «palpável» do que em qualquer outro domínio – não só as transformações tecnológicas ocorridas ao longo da história, mas também as profundas alterações por elas induzidas ao nível das conceptualizações e representações do mundo, das auto e hetero-percepções sobre as quais assentam as construções de identidades individuais e colectivas. Neste sentido, poder-se-á considerar o

estudo das múltiplas e multiformes representações da viagem uma espécie de «sismografia cultural» que tenta registar os principais traços indicadores das continuidades e discontinuidades que, no seu conjunto, compõem o sinuoso processo civilizacional. O facto de a viagem constituir um dos mais recorrentes objectos de reflexão do pensamento ocidental, assim como o de representar uma das mais persistentes metáforas nos mais diversos discursos e géneros literários são, por si sós, indícios inequívocos da sua importância capital no que diz respeito a questões epistemológicas e identitárias. Essa relevância manifesta-se numa multissecular tradição discursiva que concebe a viagem como um meio privilegiado da experiência «genuína» da «realidade exterior», cujas coordenadas espaciais e temporais, por se encontrarem durante o acto viático transitoriamente suspensas num estado «deslocado» e «destemporalizado» do familiar, se tornam sobremaneira perceptíveis e apreensíveis ao sujeito viajante. Além dessa concepção, que em última instância poderíamos denominar de epistemologicamente empirista e ontologicamente essencialista, a viagem é também tradicionalmente pensada como um «terceiro espaço» onde se entrecruzam as dimensões do «próprio» e do «outro», constituindo assim um campo simbólico propício à «negociação» da complexa relação identidade/alteridade.

Com as transformações tecnológicas ocorridas durante o século passado, nomeadamente no que concerne à compressão ou, em última instância, mesmo à supressão do espaço e do tempo – primeiro, devido a uma crescente aceleração dos meios de transporte (comboio, navio a vapor, veículos motorizados, avião) e, posteriormente, pela vertiginosa evolução dos *massmedia* telemáticos, como o telégrafo, o telefone, a rádio, a TV e a Internet, que hoje nos trazem o «mundo exterior» pela sala de estar adentro em tempo (quase) real, sem que para tal nos tenhamos sequer de mover, a não ser para executarmos o simples gesto de *clicar* numa tecla –, essa longa tradição conceptual e discursiva da viagem como «território» experimental e identitário por excelência parece chegar ao seu fim. A afirmação inicialmente citada de que, para o «homem moderno» dotado de todos esses aparelhos, a viagem se teria transformado numa inutilidade – e isso ainda antes das «entradas triunfais» da televisão e da Internet no quotidiano e nas mentes da população mundial – assinala portanto o pressuposto declínio de um ciclo histórico em que as *conditio sine qua non* para a aquisição de saberes sobre o mundo, assim como para o conhecimento de si mesmo e do outro, seriam (para além do sábio recurso à biblioteca) a mobilidade física e a experiência *in loco*. Curiosamente,

apesar da vertiginosa evolução do domínio dos meios de transporte e comunicação a que se assistiu sobretudo na segunda metade do século XX, o vaticínio de Argentino, que aqui escolhemos em representação de tantos outros necrólogos que apressadamente profetiz(ar)am «o fim da viagens» (Lévi-Strauss), *não* se realizou. Ainda que os *media* telemáticos (sobretudo a TV e a Internet) tenham transformado a maioria da população mundial em potenciais «cosmopolitas domésticos», é, ainda assim, inquestionável que esses mesmos meios de acesso virtual a qualquer recanto do mundo *não* substituíram a viagem física. O incessante crescimento da segunda maior indústria à escala global, isto é, o ramo do turismo, constitui a irrefutável prova de que, ao invés dos apocalípticos discursos dos profetas da morte da viagem, a experiência virtual, isto é, a percepção explicitamente mediatizada, *não* exclui a necessidade ou a vontade do contacto «imediatizado». Mesmo que, devido a um sistema mediático cada vez mais denso, cada vez mais repleto de imagens «realistas», haja na «geografia imaginária», que cunha as nossas percepções e representações do outro e do mundo, cada vez menos espaços livres para o «espanto»¹, ou seja, para a sensação de autenticidade e genuinidade tradicionalmente associados ao fenómeno da viagem, facto é que nunca tanto se viajou – quer em turismo, quer por necessidade económica e/ou política – nem nunca tanto se reflectiu e discursou sobre a viagem como hoje. Face a esse (aparente) paradoxo da «(i)mobilidade total» tão característico da era da globalização em que coexistem e se entrecruzam diversas formas de cosmopolitismo², defendemos que, ao invés da (necro-)lógica da substituição e *desfuncionalização* que sustenta parte significativa da crítica (não só) contemporânea da viagem e sua alegada desvirtuação pelo turismo de massas e pelos *mass media*, se deverá antes considerar uma lógica da *refuncionalização* e *complementaridade*. Dito por outras palavras, as crescentes possibilidades de um acesso físico e virtual a mundos (outrora) distantes que a evolução dos meios de transporte e dos *media* telemáticos nos propiciam, independentemente de se tratar dos velhos meios impressos (como o livro e a fotografia) ou dos novos *hypermedia*, não terão contribuído para

¹ Veja-se, a este propósito, Hennig (1997), pp. 91-1001.

² O tradicional *world traveller*, cuja mundividência remonta, em última instância, aos ideais e valores «burgueses» do *Weltbürgertum*, o *proletarian cosmopolitan*, em busca de trabalho e/ou de refúgio político, e o «cosmopolita doméstico», que imerge nas realidades mediatizadas e compõe a sua cosmovisão de experiências *tele-estéticas*.

saciar em definitivo o apetite da experiência «concreta» de outros espaços culturais, transformando assim a viagem num «atavismo», conforme afirma uma personagem no romance *Homo faber* do escritor suíço Max Frisch (1977: 103) – afirmação essa que é, de resto, contrariada pelo próprio protagonista que representa paradigmaticamente a figura do *globetrotter* pós-moderno –, mas tê-lo-ão, pelo contrário, agudizado ao ponto de transformar a viagem num *hábito* sócio-cultural generalizado, isto é, numa espécie de bem quase que indispensável às populações nas sociedades de bem-estar³.

Não é aqui nosso propósito nem expor, nem, muito menos, explicar as profundas implicações da vertiginosa evolução do domínio dos meios de transporte e comunicação para as concepções e práticas da viagem. Que o turismo de massas, assim como os *media* audiovisuais e digitais influenciam indelevelmente as nossas auto e heteropercepções é, apesar de se tratar de uma problemática extremamente complexa, por de mais evidente⁴. O objecto principal desta nossa reflexão ensaística consiste numa breve análise diacrónica de uma determinada vertente da tradição metadiscursiva relacionada com a viagem que, ao contrário daquele discurso tradicionalmente optimista e concertante em torno do fenómeno viático a que atrás já se fez referência, assenta numa visão intrinsecamente céptica da sua progressiva democratização. Tentaremos demonstrar que o canto do cisne em torno da viagem, cujo coro tem vindo «naturalmente» a engrossar, por um lado, devido à massificação turística e, por outro, graças à generalização da «tele-experiência» do longínquo, se inscreve, por sua vez, numa tradição discursiva igualmente remota que antecede a suposta «liquidação da viagem» (Virilio, 2000: 38s) nos nossos tempos.

³ O facto de um número infindável de livros de viagens publicados na RDA não ter evitado que a exigência colectiva do direito à livre circulação se tenha transformado, durante a «Revolução de Veludo», numa espécie de golpe de misericórdia, numa sentença de morte para um regime que durante quatro décadas se baseara na ideia de que o acesso virtual ao mundo seria suficiente para saciar a enorme «fome de mundo» constitui um exemplo deveras elucidativo do erro de raciocínio que subjaz a essa lógica da substituição ou desfuncionalização. A este respeito, veja-se Matos (2001, 2004).

⁴ Entre um infindável número de publicações relacionadas com essa problemática, vejam-se, exemplarmente, Morley (2000), que no seu estudo paradigmaticamente subtintulado de *Media, Mobility and Identity* oferece uma excelente síntese da complexa multidimensionalidade desse fenómeno, e Jansson (2002).

II

Encetemos, portanto, uma brevíssima digressão por essa história menos conhecida do metadiscorso em torno da viagem, começando na chamada «época da dourada» da *Bildungsreise*, ou seja, na segunda metade do século XVIII. Nessa altura, assistiu-se a um primeiro surto de mobilidade fomentado pelos ideais iluministas de uma *Weltbürgertum*, para quem a viagem significava um meio por excelência quer para a formação pessoal, quer para a afirmação colectiva de uma classe (pretensamente culta) em clara ascensão social e política. Penetrando num espaço anteriormente reservado à aristocracia sob a forma da *Grand Tour* ou *Kavalierstour*, essa «burguesia cosmopolita», na sua maioria oriunda da Inglaterra, da França e da Alemanha, desencadearia o que, para a época, se pode considerar um verdadeiro boom da viagem de lazer. O reflexo mais visível desse novo frenesim viático é constituído por uma imensa vaga de relatos de viagens, um género literário que rapidamente invadiria o emergente mercado livreiro e conquistaria o gosto dos leitores. Como, modo geral, acontece quando se verificam agitações substanciais na ordem estabelecida, essa (relativa) democratização da viagem como prática que, sendo intrinsecamente transfronteiriça, tendia a esbater a tradicional hierarquia social, assim como a popularização da literatura de viagens, que em conjunto com o romance de formação (*Bildungsroman*), reflectia a nova «sensibilidade» (*Empfindsamkeit*) burguesa, desencadearam profundas desconfianças. É neste contexto reactivo que se deve inserir e entender os seguintes reparos proferidas pelo estudioso Archenholz numa carta de leitor ao editor da influente revista cultural *Teutscher Merkur* publicada em 1784, em que se critica severamente a «epidemia da viagem» e os respectivos relatos alegadamente desprovidos de qualquer qualidade ao nível do conteúdo e da forma:

In keinem Zeitalter der Welt wurde so viel gereist, als in dem unsrigen, wo das Reisen zu einer Art Epidemie geworden ist. (...) Es ist wohl kein Wunder, daß bey so häufigen Reisen in unsern bücherreichen Zeiten der Reisebeschreibungen so viele verfertigt werden. Man schreibt einander aus, wiederholt tausend bis zum Ekel gesagte Dinge [mit] geschwinde[r] Hintansetzung guter Rechtschreibungen (...). Da (...) das Publicum aller Länder und vorzüglich unser Teutsches gerne Reisebeschreibungen ließt, so fehlt es nicht an Schriftstellern in unseren Tagen, die solche Speisen unter allerhand Gestalten auf-tischen. Unverschämtheit, dummdreiste Urtheile, Satyre, abgeschmackter Witz, Schmähungen verdienter Männer sind

solche Dinge, die vereinigt gewiß das Glück eines Buches machen. Nicht allein der Leseböbel denkt so, sondern auch sogenannte Gelehrte und seynwollende Kunstrichter.

Como é óbvio, o «vírus» que estaria na base dessa alegada «epidemia da viagem» não operava de um modo socialmente transversal, já que no último quartel do século XVIII viajar sem outro fim senão o da (auto-)formação cultural e/ou do mero prazer ainda era, sem margens para dúvidas, um privilégio da velha aristocracia e de uma nova burguesia em ascensão. Poder-se-á assim considerar que a denúncia de Archenholz – ou melhor, o seu ataque verbalmente bastante violento, uma vez que não se coíbe de recorrer a palavras de cargas conotativas extremamente negativas, tais como «nojo», a ignorância da «plebe dos leitores» e o «descaramento» dos «pseudo-estudiosos» – representa uma espécie de tempestade num copo de água, ou seja, uma desproporcional hiper-reacção a uma alegada vaga da viagem que, na realidade, não passava ainda de um pequeno fio que corria a um ritmo de conta gotas. Dito de outro modo, esta crítica ao crescente fluxo viático e, conseqüentemente, ao inevitável aumento de publicações sobre a viagem constitui um exemplo deveras ilustrativo da longevidade de uma certa tradição discursiva que, ainda muita antes de se ter verificado uma verdadeira democratização social da viagem, tem insistido, desde há pelo menos dois séculos, em denegrir a imagem do viajante comum como *L'Idiot du Voyage*. (Urbain, 2002) Ainda que se trate de um subdiscurso em torno da viagem até ao momento pouco estudado, certo é que a história da literatura é fértil nesse género de insinuações insultuosas à figura do «viajante inculto». Enunciemos, portanto, alguns exemplos desse longo cadastro de defeitos atribuídos à figura do viajante «vulgar» no *medium* literário.

Sensivelmente uma década depois da denúncia de Archenholz, também Johann Gottfried Herder fazia referência a essa nova «espécie de epidemia», o frenesim da viagem tão característico do Iluminismo tardio. Numa das suas célebres *Briefe zur Beförderung der Humanität*, originalmente editadas em dez volumes entre 1793 e 1797, reportando-se ao aumento exponencial de edições de relatos de viagens na segunda metade do século XVIII constata a «fúria filosófica» com que os ociosos europeus palmilhavam o mundo: «(...) alles läuft, was in Europa nichts zu tun hat, mit einer Art philosophischer Wut über die Erde.» (Herder, 1971: Bd. 2, 218)

Para continuarmos a nossa excursão histórica, saltemos duas décadas para a frente, nomeadamente para o ano de 1817, altura em

que Lord Byron descreveu Roma como um local «pestilential with English, – a parcel of staring boobies, who go about gaping and wishing to be at once cheap and magnificent», turistas esses que, além de «inundarem» e «empestarem» as históricas capitais da arte, também «envenenavam toda a cena» natural oferecida pela bela paisagem montanhosa da Suíça: «(...) in Switzerland (...) the most distant glimpse or aspect of [tourists] poisoned the whole scene.» (apud Buzard 1998: 84).

E cabe aqui citarmos também um poeta francês da mesma época, em 1826, num dos seus vários relatos das diversas viagens empreendidas a Itália, Stendhal, que alguns anos mais tarde se auto-denominaria como um dos primeiros escritores de «turista» dando a um dos seus textos (semi-) autobiográficos o título de *Mémoires d'un touriste* (1838), e se sente incomodado com o facto de encontrar as avenidas principais de Florença «encombrées de six cents Russes ou Anglais», número aparentemente tão significativo que o leva a afirmar que «Florence n'est qu'un musée plein d'étrangers (...)» (Stendhal, 1973).

Evidentemente, também Goethe, ele próprio se tendo transformado a partir da publicação da sua *Viagem a Itália* no modelo sublime de *Bildungsreise(nder)*, ou seja, da «viagem burguesa» e do «viajante culto», não poderia ter deixado de lançar as suas farpas em relação ao aumento significativo de turistas britânicos, então claramente os «campeões da viagem», nas principais rotas europeias. No seu famoso drama épico *Fausto*, cuja primeira parte foi pela primeira vez publicada em 1808, o contra-protagonista Mefistófeles faz, junto a uma pitoresca paisagem de ruínas situada na mítica serra do Harz, o seguinte reparo:

Sind Briten hier? Sie reisen sonst so viel,
Schlachtfeldern nachzuspüren, Wasserfällen,
Gestürzte Mauern, klassisch dumpfen Stellen;
Das wäre hier für sie ein würdig Ziel.

Em 1897, Gerhart Hauptmann refere-se às «massas inertes» de «barbeiros e carneiros» que anualmente «rolam» sobre os Alpes rumo à Itália para ofuscar o esplendor artístico do tradicional e emblemático país da alta cultura:

Da strömen die Leute nach Italien, jeder Barbier und Schlächter tut es: Die ganze träge Masse des deutschen Philistertums walzt sich

über die Berge, jahraus jahrein, und als dieselbe träge Masse wieder zurück. Nichts kann der Philister lernen. Er drückt und lagert wie Schlamm über der Kunst der Zeit. (apud Hennig, 1997: 14)

Conforme se poderá intuir a partir destes poucos exemplos, a crítica ao turismo, entendido como prática da viagem pela viagem, isto é, sem fins pragmáticos de ordem explicitamente económica, política ou religiosa, paradoxalmente, parece anteceder o próprio fenómeno do turismo moderno. Num interessante estudo de 1993 dedicado ao tratamento desse tema na literatura (maioritariamente britânica) entre 1800 e 1918, James Buzard (1993) corrobora esta tese, ao elaborar e analisar uma vasta lista de comentários pejorativos, em parte mesmo insultuosos, proferidos por «distintos» escritores auto-estilizados como «verdadeiros» viajantes que já no século XIX repudiam o *Homo touristicus* e do qual, por isso, se tentam a todo custo diferenciar social e culturalmente. Este tipo de discurso diferenciador insiste falaciosamente numa rígida e clara linha de demarcação entre a figura do *viajante*, sublimemente encenada pelo escritor que vagueia pelo mundo de sentimentos e sentidos bem apurados, e, do outro lado, a caricatura do *turista*, que não só é frequentemente etiquetado de «superficial», «insensível» e «torpe», como é repetidamente evocado, de modo ainda mais ofensivo, com recurso a uma imagética animaléscica que o representa, por exemplo, como «cordeiro» ou «insecto» que apenas se sabe mover estúpida e ordeiramente em rebanhos ou manadas. A seguinte crítica devastadora ao «turismo ocidental» como «um dos grandes movimentos niilistas, uma das grandes epidemias» cujos efeitos maléficos poderiam ser comparados aos «males vindos do Leste» (i.e., o Comunismo), crítica essa proferida, num relato de viagens publicado em 1950, pelo escritor alemão Gerhard Nebel, reflecte – pela negativa – o grande empenho de muitos «verdadeiros viajantes» na construção literária do turista como «un «anti-mythe», (...) le doublet maudit du mythe du voyageur.» (Moura 2000: 270)

Der abendländische Tourismus ist eine der großen nihilistischen Bewegungen, eine der großen westlichen Seuchen, die an bösartiger Wirksamkeit kaum hinter den Epidemien der Mitte und des Ostens zurückbleiben (...). Die Schwärme dieser Riesenbakterien, Reisende genannt, überziehen die verschiedensten Substanzen mit dem gleichförmig schillernden Thomas-Cook-Schleim (...). [Es] bricht die europäische Krankheit in einer Kette von Eiterbeulen aus. Ein Land, das touristisch erschlossen wurde, verbirgt sich metaphysisch – es bietet eine Kulisse, aber nicht mehr seine dämonischen Kräfte dar. (Nebel, 1950: 25)

Face à sua extrema radicalidade, é certo que o discurso fascistoíde e homofóbico de Nebel, que se manifesta sob a forma de uma impressionante acumulação de lexemas «decadentistas», tais como «bactérias gigantes», «excrementos» ou «abcessos», não pode ser considerado representativo da tradição crítica que temos vindo a expor. A esmagadora maioria dessas críticas expressas pela elite dos escritores-viajantes veste-se, evidentemente, de roupagens mais elegantes, lançando as suas farpas venenosas, conforme já pudemos constatar, de modos mais subtis. O breve texto «Why not stay at home?», com que Aldous Huxley abre a sua compilação *Along the Road. Notes and Essays of a Tourist* (1925), constitui um desses casos exemplares da elegância retórica, do tom irónico e satírico com que muitos «poetas da viagem» se tentam avidamente auto-diferenciar da «gloomy-looking tribe» (3) dos «inexperienced tourists» (5), esses «poor slaves» (9) que durante as suas excursões «desperately do their best to make external reality square with fable», «hanker[ing] after myhtology», cegueira ou ingenuidade essas que alegadamente contrastam com o «genuine traveller [who] is so much interested in real things that he does not find it necessary to believe in fables.» (10)

Contentemo-nos aqui com estes poucos exemplos ilustrativos de uma longa e persistente tradição discursiva de «ferocious denigration of tourists» (Culler 1981: 129), tradição essa que remonta, conforme vimos, pelo menos até finais do século XVIII, se intensificou durante o século XIX, prevaleceu no século passado e resistiu inclusive pelo terceiro milénio adentro⁵.

III

Em 1925, precisamente no mesmo ano em que Huxley lançou o seu volume de textos de viagens citado atrás, textos esses em que, conforme pudemos constatar, o autor se empenha em delimitar-se claramente do «turista vulgar», auto-estilizando-se como «viajante genuíno», o crítico sócio-cultural Siegfried Kracauer publicava no *Frankfurter Zeitung* um importante ensaio sobre a «apetência» e a «paixão» colectivas pela viagem como um fenómeno sócio-cultural

⁵ Sobre o «extenso cadastro dos pecados» atribuídos aos turistas na literatura vejam-se, por exemplo, Buzard (1998), Hennig (1997: 13-19), Urbain (1993: 33 ss), Culler (1981: 128-131) e Fussell (1980: 40 ss).

deveras característico dos «loucos anos vinte». O seu artigo dedicado ao «culto do movimento» (Kracauer, 1977: 41), que também se manifestaria nas modas da dança e dos desportos motorizados, acrescenta uma nova dimensão reflexiva ao metadiscurso crítico relacionado com a viagem. Ultrapassando a dicotomia turista/viajante em torno da qual até aí giravam as reflexões por parte dos nostálgicos defensores da «verdadeira viagem», a perspectiva analítica de Kracauer focaliza as profundas implicações dos (então) novos meios de transporte e comunicação, o «automóvel», o «aeroplano» e o «filme», para a percepção, conceptualização e representação do mundo, isto é, em suma, para os processos de significação simbólica e construções identitárias (*Idem*, 40s):

Je mehr die Welt dank Auto, Film und Aeroplan zusammenschumpft, um so mehr wird (...) auch der Begriff des Exotischen relativiert (...). Diese Relativierung des Exotischen geht Hand in Hand mit seiner Verbannung aus der Wirklichkeit – so daß romantische Gemüter früher oder später die Anlage umzäunter Naturschutzparks werden anregen müssen, verschlossener, märchenhafter Bereiche, in denen man auf Erlebnisse hoffen darf, die zur Zeit Kalkutta kaum noch gewährt. Bald ist es soweit. Infolge der zivilisatorischen Annehmlichkeiten ist heute bereits nur der geringste Teil der Erdoberfläche terra incognita, die Menschen sind heimisch sowohl zuhause wie anderwärts oder auch nirgens zuhause.

Ao libertar-se da lógica ontologicamente essencialista (e socialmente elitista) sobre a qual assenta «the Semiotics of Nostalgia» (Frow, 1991) que envolve o discurso céptico sobre a alegada desvirtuação da viagem moderna – teia semiótica essa que, paradoxalmente, tanto caracteriza o discurso anti-turista, como sustenta a própria indústria do turismo –, Kracauer é assim capaz de prever, de forma impressionantemente certa, o surgimento de «espaços virtuais», de «parques naturais vedados» e «mundos fantásticos» que, face a uma evidente «relativização do exótico», futuramente se consubstanciarão, independentemente da sua localização físico-geográfica, como territórios em que se poderiam «realizar» ou «materializar» as tradicionais fantasias do exótico longínquo.

Ainda não confrontada com a nossa realidade contemporânea impregnada do «efeito *Disneyland*»⁶ que caracteriza o chamado «pós-

⁶ Vejam-se, exemplarmente, Eco (1986) e Augé (1997).

turismo», a previsão de Kracauer prima pelo seu distanciamento racional, isto é, pela ausência do *pathos* melancólico que, irremediavelmente, paira hoje sobre grande parte das reflexões e representações relacionados com a viagem na «era digital» das simulações. Uma vez que as sociedades contemporâneas se distinguem, pelo fenómeno da *hipermobilidade* turística e migratória, sobretudo também pela *multi, inter e hiper-mediaticidade*, o tradicional cepticismo do discurso sobre o turismo de massas, que se manifesta(va) de forma mais acentuada no género da literatura de viagens, encontra agora na progressiva «de-realização» induzida pela técnicas e mecanismos de construção de «realidades virtuais» um novo argumento. A crescente «nostalgia do autêntico» patente em muitas das actuais narrativas e meta-narrativas de viagem tem assim de ser vista como uma estratégia não só de auto-diferenciação simbólica e social do viajante pretensamente culto e sensível do «turista vulgar», conforme acontece desde há mais de dois séculos, mas, ao mesmo tempo, também como uma estratégia de sobrevivência face à concorrência dos diversos suportes de representação da viagem constituídos pelos média audiovisuais e digitais.

O (quase) monopólio do livro de viagens na sua tradicional função de meio de transporte de informações interculturais tem sido evidentemente abalado pela televisão, pelo CD-ROM e pela Internet. As séries televisivas dedicadas às viagens, assim como os guias de viagem em formato *multimedia* e os milhares de relatos de viagens hipertextuais elaboradas e colocados *online*, já não por escritores (da viagem) profissionais, mas por turistas amadores que publicam as suas experiências pessoais de viagem, são manifestações claras dessa absorção do tema da viagem pelos mais diversos *media* e pelas diferentes camadas sócio-profissionais. Face à democratização – ou, pelo menos, à semi-democratização – da prática da viagem por via do turismo de massas e olhando a esta fortíssima concorrência de novos *media*, não surpreende que muitos viajantes-escritores, representando o paradigma por excelência do estudioso culto sensível, se sintam ameaçados quanto aos seus estatutos privilegiados. Esta insegurança reflecte-se não raramente na adopção de um discurso «auto-necro-gráfico», para aqui adoptarmos um conceito cunhado por Orlando Grossegeesse (1996) num contexto diferente do nosso⁷, que consiste no paradoxal anúncio da morte da literatura de viagens feito no formato e *medium* da pró-

⁷ Grossegeesse (1996) refere-se a uma estratégia literária da construção identitária no género da autobiografia.

pria literatura de viagens. Conforme afirmam Holland e Huggan num interessante estudo sobre «contemporary travel writing», de facto, «travel and its literary by-product, the travel book, have a habit of justifying their continuation by anticipating their own decline» (Holland/Huggan, 2000: 1).

À semelhança da lógica anti-turística, também esta «auto-necrológica» se insere numa tradição discursiva anterior à «revolução» dos *media telemáticos* do século XX. Um dos casos mais emblemáticos é representado pelo relato de viagem ensaístico *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss, publicado em 1955, cuja parte de abertura se intitula precisamente «O Fim das Viagens». Reportando-se a uma viagem ao Amazonas empreendida nos anos de 1930, o antropólogo confessa odiar viagens porque o que elas nos mostram «em primeiro lugar são os nossos excrementos (do mundo dito civilizado) à face da humanidade» e denuncia «as narrativas de viagens (como oferta de uma mera) ilusão do que não existe e devia ainda existir.» (Lévi-Strauss, 1986: 32) É evidente que esta melancólica lamentação pela perda da aura «genuína» e da «autenticidade» mesmo dos recantos mais longínquos do mundo tenha vindo a intensificar-se e, entretanto, se tenha transformado num verdadeiro coro polifónico engrossado pelas vozes de muitos poetas e pensadores que tentam, a todo o custo, remar contra a aceleração e «de-realização» da viagem. Com o intuito de *recriar* os «bons velhos tempos» – «When going was good!» –, encetam-se assim os mais diversos géneros de «viagens em marcha atrás», por exemplo, um périplo pela Alemanha em cima de um burro (Schröter, 2002), uma viagem pedestre de Berlim a Moscovo (Büscher, 2003) ou a travessia da Rússia no lendário Expresso do Oriente (Drawert, 2001), para aqui citarmos apenas três exemplos de narrativas de viagem recentes de autores alemães.

No entanto, esta teia discursiva tecida em torno da morte anunciada da «verdadeira viagem» não envolve apenas as representações literárias. Pois, não só os próprios escritores de viagem, mas também parte significativa dos «exegetas» das suas produções se têm deixado enredar por esse discurso «necro-gráfico»⁸. Cinjamo-nos aqui a dois exemplos apenas.

Um dos mais proeminentes estudiosos da literatura de viagens em língua alemã, Peter J. Brenner (1990: 666), considera esse género lite-

⁸ Para uma visão crítica mais aprofundada, veja-se Matos (no prelo).

rário, no final prospectivo do seu monumental trabalho sobre a história da literatura de viagens desde a Idade Média à Pós-Modernidade, de forma peremptória, «eine bereits abgestorbene Kunstform», ou seja, «uma forma artística defunta.» Ora, a verdadeira renascença da literatura de viagens, a que durante os últimos anos temos assistido – bastaria, pois, um breve olhar para as listas de *bestsellers* em vários países para se constatar um *boom* de publicações relacionadas com a viagem – contraria claramente esta declaração de óbito subscrita por muitos outros investigadores⁹.

Outro exemplo paradigmático desta perspectiva apocalíptica é constituído pelos ensaios do antropólogo e escritor de viagens suíço Aurel Schmidt. Inscrevendo-se na linha de pensamento de Paul Virilio, cujos estudos «dromológicos» chegam à conclusão de que a aceleração dos meios de transporte desde o século XIX e a posterior revolução das transmissões instantâneas na área das telecomunicações nos conduziu a uma «era da imobilidade e da inércia domiciliária» em que «a chegada generalizada das imagens, da informação, (...) substitui doravante as nossas deslocamentos contínuas» (Virilio, 1993:39s), o que, em última instância, significaria «a liquidação da viagem» (*Idem*, 2000: 38s), Schmidt – ele próprio, de resto, um ávido viajante –¹⁰ vê na recente evolução dos *media* digitais a irremediável causa de morte da viagem: «Movimento e estagnação já não podem ser vistos como contradições (...) A ficção electrónica tornou qualquer movimento físico em algo de supérfluo e eliminou a viagem analógica.»¹¹ (1998: 81s).

Na verdade, é inquestionável que os «canais mágicos» audiovisuals e os mais recentes *media* digitais nos trazem hoje o mundo pela sala de estar adentro, sem que para tal tenhamos sequer de nos levantar do sofá – e neste sentido somos todos viajantes inertes: «cosmopolitas domésticos». No entanto, temos, conforme tentámos demonstrar neste breve estudo, sérias reservas quanto à sustentabilidade desse género de «necro-lógica» que pressupõe, para aqui citarmos um brilhante jogo de linguagem com que Aurel Schmidt tenta ofuscar o misticismo (ou mesmo obscurantismo) subjacente à retórica «mediáfóbica» de certos poetas e pensadores da viagem, que «o *joy stick* subs-

⁹ Para uma exaustiva metacrítica da investigação da literatura de viagens britânica contemporânea, veja-se Holland/Huggan (2000).

¹⁰ Veja-se o seu interessante livro sobre as suas próprias viagens empreendidas pelos diversos continentes *Wege nach unterwegs* (1992).

¹¹ Tradução de nossa autoria.

tituiu o bordão do viajante.» (*Idem*: 37) Facto é que este artefacto já há muito caiu em desuso, sem que, por isso, tenhamos deixado de viajar, seja virtual, mental e/ou fisicamente. Estamos certos que nem o nihilista Fernando Pessoa – afinal de contas, um dos mais acérrimos cépticos da viagem «real»¹² – subscreveria estas visões apocalípticas, uma vez que na visão de Álvaro de Campos ...

Nada perdeu a poesia. E agora há mais as máquinas
Com a sua poesia também (...)
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
As viagens agora são tão belas como eram dantes
(...)

Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde esteve –
Em parte nenhuma, graças a Deus!

Bibliografia

- ANÓNIMO (Archenholz) (1784), «An den Hrn. Herausgeber des T. M. Ueber das Reisen, und jemand der nach Anticyra reisen sollte». In *Der Teutsche Merkur* 1784 (4. Vierteljahr), pp. 151-160.
- AUGÉ, Marc (1997), *L'Impossible Voyage. Le tourisme et ses images*. Paris, Payot & Rivages.
- BORGES, Jorge Luis (1998), «O Aleph». In *Obras Completas 1923-1949. Vol. I*. Lisboa, Teorema, pp. 638-649.
- BRENNER, Peter J. (1990), *Der Reisebericht in der deutschen Literatur. Ein Vorschungsüberblick als Vorstudie zu einer Gattungsgeschichte*. Tübingen, Niemeyer.
- BÜSCHER, Wolfgang (2003), *Berlin – Moskau. Eine Reise zu Fu_*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt.
- BUZARD, James (1998), *The Beaten Track. European Tourism, Literature, and the Ways to Culture, 1800-1918*. Oxford, Clarendon Press.
- CULLER, Jonathan (1981), «Semiotics of Tourism». In *American Journal of Semiotics*, Vol. 1, No. 1-2 (1981), pp. 127-140.
- DRAWERT, Kurt (2001), «Nach Osten ans Ende der Welt. Eine Eisenbahnreise». In *Rückseiten der Herrlichkeit. Texte und Kontexte*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 177-240.
- ECO, Umberto (1986), *Viagem na Irrealidade Quotidiana*. Lisboa, Difel. [Ed. original: 1977].

¹² Cf. Perrone-Moisés (1998).

- FRISCH, Max (1977), *Homo faber. Ein Bericht*. Frankfurt am Main, Suhrkamp. [Ed. original: 1957].
- FROW, John (1991), «Tourism and the Semiotics of Nostalgia». In *October*, Vol. 57, (Summer, 1991), pp. 123-151.
- GROSSEGESSE, Orlando (1996), «Para uma teoria da autonecrografia». In: *Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas (Actas do 2.º Congresso da APLC 1995)*, (orgs.) Margarida L.Losa, Isménia de Sousa e Gonçalo Vilas-Boas, Porto, Ed. Afrontamento, pp. 449-456.
- HENNIG, Christoph (1997), *Reiselust. Touristen, Tourismus und Urlaubskultur*. Frankfurt am Main, Leipzig, Insel Verlag.
- HERDER, Johann Gottfried (1971), *Briefe zur Beförderung der Humanität*. Hg. von Hans-Joachim Kruse, Berlin und Weimar.
- HOLLAND, Patrick/HUGGAN, Graham (2000), *Tourists with Typewriters. Critical Reflections on Contemporary Travel Writing*. Michigan, Michigan University Press.
- JANSSON, Andre (2002), «Spatial Phantasmagoria: The Mediatization of Tourism Experience». In *European Journal of Communication*, Vol. 17, No. 4, 429-443.
- KRACAUER, Siegfried (1977), «Die Reise und der Tanz». In *Das Ornament der Masse*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 40-49.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1986), *Tristes Trópicos*. Lisboa, Edições 70. [Ed. Original: 1955].
- MATOS, Mário (2001), «Reise nach Poetaniien». Zur literarischen Kommunikation über die Fremde in der DDR.« In Alfred Opitz (Hg.), *Erfahrung und Form. Zur kulturwissenschaftlichen Perspektivierung eines transdisziplinären Problemkomplexes*. Trier, Wissenschaftlicher Verlag Trier, pp. 175-190.
- (2004), ««Fome de mundo»: reflexões em torno da literatura de viagens na RDA.» In *Actas do IV Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura Comparada. Estudos Literários/Estudos Culturais* (Évora, 2001). [CD-Rom]
- (no prelo), «Der joy stick hat den Wanderstab ersetzt»!? Erzählen vom Reisen in der (Post-)Moderne.» In *RUNA – Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 30.
- MORLEY, David (2000), *Home Territories. Media, Mobility and Identity*. London, New York, Routledge.
- MOURA, Jean-Marc (2000), «Mémoire culturelle et voyage touristique. Réflexions sur les figurations littéraires du voyageur et du touriste.» In Maria Alzir Seixo (ed.), *Travel Writing and Cultural Memory/Écriture du voyage et mémoire culturelle*. Amsterdam, Atlanta, Rodopi.
- NEBEL, Gerhard (1950), *Unter Partisanen und Kreuzfahrern*. Stuttgart.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (1998), «Du voyage héroïque (Message) au «voyage jamais fait» (Le Livre de L'Intranquillité)». In Maria Alzira Seixo/Graça Abreu (orgs.), *Les Récits de Voyages. Typologie, historicité*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 189-195.
- SCHMIDT, Aurel (1992), *Wege nach Unterwegs. Das Ende des Reisens*. Zürich, Benzinger.
- (1998), *Von Raum zu Raum. Versuch über das Reisen*. Berlin, Merve.

- SCHRÖTER, Lorenz (2002), *Mein Esel Bella oder Wie ich durch Deutschland zog*. Hamburg, Rotbuch.
- STENDHAL (1973) *Voyages en Italie*. Paris, Éditions Gallimard.
- URBAIN, Jean-Didier (2002), *L'idiote du voyage. Histoires de tourists*. Paris, Editions Payot. [Ed. original: 1991].
- VIRILIO, Paul (1993), *A Inércia Polar*. Lisboa, Dom Quixote. [Tradução de Ana Luísa Faria; ed. original: 1990].
- VIRILIO, Paul (2000), *A Velocidade da Libertação*. Lisboa, Relógio D'Água. [Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro; ed. original: 1995].